

**INFORMATIVO**

**DO**

**MAP**

**JULHO/AGOSTO  
2005**



CAIXA POSTAL 3797

CEP: 01060-970

SÃO PAULO - SP

E-MAIL: [info@ajmarcopunk.org](mailto:info@ajmarcopunk.org)

**FAVOR NÃO ESCREVER M.A.P.**  
**(MOVIMENTO AMARCO PUNK)**  
**NÃO ENVEJE LOPE**

MOVIMENTO AMARCO PUNK DE S.P. ANO I No. 2

## Saudações, Companheir@s! Saúde e ativismo a tod@s!

Bem, chega em suas mãos o #2 de nosso informativo, trazendo comentários e divulgações dos trabalhos desenvolvidos pel@s individu@s do M.A.P. (grupos, coletivos, bandas).

O # anterior saiu um pouco "frio"... Tivemos um pouco de pressa em realizá-lo e quase todos os textos já chegaram prontos, mas neste número estamos (nós, do conselho editorial, juntamente com a participação dos man@s que têm colaborado) com nossas idéias e opiniões melhor expressas, de forma a transformarmos este periódico informativo em mais uma forma de expressão libertária. Temos deixado transbordar, através do pensamento escrito, nossas fúrias internas, canalizando-as não naqueles que se encontram conosco, lado a lado, mas ao verdadeiro inimigo.

Temos experimentado, digerido e aprendido lidar com as críticas, trabalhá-las e, primeiramente, o difícil processo de aceitá-las. Isso nos é possível porque aprendemos também a exercer a humildade para com noss@s companheir@s, sempre na vontade de fazer algo realmente significativo e que possa instigar as pessoas a quererem se desenvolver também!

Respeito, acima de tudo, faz-se fundamental, porque somos anarquistas e necessitamos, para que haja harmonia na convivência, pensar coletivamente, independentemente das diferenças. Seguiremos, entretanto, a considerar @s pesso@s como seres individuais, de opiniões distintas, pois uma coisa não anula a outra.

**Enfrentemos as dificuldades, crescamos sob críticas construtivas, isso há de nos fortalecer!**

Comissão Editorial

### Atos públicos contra a Febem

Desde 4 de junho de 2003 a AMAR (Associação de Mães e Amigos da Criança e Adolescente em Risco) vem organizando atos públicos contra a Febem na Praça da República (em frente a Secretaria da Educação).

Apoiamos totalmente as manifestações e, junt@s, denunciemos as atrocidades praticadas pelo Estado contra @s jovens que estão aprisionad@s (com faixas, cartazes, panfletos, teatros e várias outras expressões).

É gratificante o interesse do pessoal que cola junto para trocar idéias e fazer suas denúncias. Os resultados alcançados são positivos! E, mesmo com a polícia querendo nos intimidar, continuamos firmes e fortes nos manifestando!

Basta de torturas e violações à dignidade humana! Por uma juventude não aprisionada!

\* Os atos acontecem todas as quartas-feiras a partir das 15h. Dê uma força. Participe!

"Sempre tivemos muito; nossas crianças nunca choraram de fome e o nosso povo nunca passou necessidade... As correntezas do rio Rock nos deram peixe de excelente qualidade e em abundância e a terra fértil jamais deixou de produzir boas colheitas de milho, feijão e abóbora... Esta nossa aldeia manteve-se por mais de cem anos, durante os quais fomos os donos inquestionáveis do Vale do Mississipi... Nossa aldeia era saudável e não havia lugar no país que possuísse tais vantagens, nem lugares de caça melhores que os nossos. Se um profeta chegasse á nossa aldeia e nos dissesse que as coisas se passariam do jeito que se passaram, ninguém lhe teria dado ouvidos."

(Ma-Ka-tai-me-she-kia-kiak, ou Falcão Negro, tuxaua dos Sauk e Fox)

Para mais informações, dúvidas, sugestões e colaborações entrem em contato com o GAPE (ver entrevista).

## ENTREVISTA COM O GRUPO DE APOIO A PESSOA ENCARCERADA (GAPE)

**Como está, companheir@? E com todos do grupo, muita luta? Primeiramente conte-nos sobre o início dessa ação direta chamada "GAPE" e seus objetivos.**

Salve, salve, compas! Sigó na resistência e @s companheir@s do grupo também! Nossa luta é nossa vida!!!

**Início:** O GAPE é um coletivo antiprisional organizado em 2003. Muito antes desse agilizô já vínhamos mantendo, individualmente, atitudes e atividades dedicadas à questão anticarcerária (seja em apoio por cartas, visitas, com amigos pres@s, nas denúncias...). A idéia do grupo veio da necessidade da abordagem dessa questão tão séria, tão urgente e tão esquecida.

Quando abordamos o caso do companheiro Fininho (que se encontra preso) nas reuniões da UMP, foi falado da necessidade de uma comissão anticarcerária (para, no mínimo, haver apoio aquel@s companheir@s que estão/estavam atrás das grades). Essa comissão acabou não rolando pelo desinteresse da galera "comprometida". Então o dia 2/10/02 aproximou-se, data de "10 Anos do Massacre do Carandiru" e tive a idéia de não deixar passar batido; pois era necessário cutucar a ferida podre que o governo quis esconder com a desativação da casa de detenção (jogando para longe - nas penitenciárias do interior - o pessoal preso havendo, inclusive, um acidente com morte de familiares num ônibus superlotado que iria para Dracena num dia de visita). Agilizei um montão de convocatórias para uma reunião de articulação das atividades anticarcerárias e distribuí. As reuniões, apesar de contar com uma quantidade legal de participantes, não foram tão produtivas quanto poderiam ter sido. Um compa e eu levamos esse corre para a UMP, propondo uma força. Com isso, houve uma discussão temática em grupos sobre a questão dos cárceres, daí saíram panfletos e ideias para o ato. Então, no dia 05/10, estivemos lá, numa manifestação arriscada em frente à penitenciária com teatro, panfletagem, idéias, feira de materiais, faixas, cartazes... Contou, inclusive, com a presença de um sobrevivente do massacre, o Sérgio.

Essa atividade retomou o fôlego para a criação da comissão, que novamente não funcionou. Por aí, vi que não adianta forçar. As pessoas se comprometem de verdade com uma causa quando existe seriedade e real interesse por ela.

Continuei sozinha atrás da estruturação de um grupo independente de qualquer outra agrupação. Uma idéia que procurei (e procuro) manter é a de não correr atrás de nov@s integrantes. Quem se interessar em estar ativ@ conosco sabe que o coletivo está aberto e é só entrar em contato. Acho importante essa atitude, tanto pelas experiências passadas quanto atualmente, que vem funcionando.

Inicialmente o coletivo chamou-se Grupo Rebelião Anti Cárceres, mas esse nome pesado impedia uma intervenção direta e abrangente e gerava confusões - como a idéia de uma facção. Modificamos, então, para Grupo de Apoio A Pessoa Encarcerada (GAPE).

**Um pouco de história e nossos ideais:** Nesse país em que vivemos temos um histórico de muita exclusão e repressão com escravidão, massacres e, num passado não tão distante, o golpe militar - que se deu em 01/04/64 e cujo desenrolar foram 21 anos de ditadura em que inúmeras torturas, perseguições, prisões, seqüestros, chantagens, assassinatos (...) tornaram-se rotina e eram usadas contra toda e qualquer mostra de insubmissão (por mais absurda que fosse a alegação das autoridades). Nessa época o Brasil exportava "métodos de tortura" para outros países em ditaduras através da operação Condor. Antes mesmo do golpe haviam "aulas de tortura" na P.E., onde projetavam slides e, ao mesmo tempo, demonstravam, na prática, torturas contra mendig@s que eram seqüestrad@s pelos policiais nas ruas (posteriormente o mesmo foi feito com pres@s polític@s); havia "esquadrões da morte" que saíam pelas ruas chacinando pessoas e "pres@s comuns"... Enfim, esse é um resuminho de uma época recente marcada pelo terrorismo e intolerância militares que, a exemplo de vários outros lugares pelo mundo, estiveram presentes.

É ilusão achar que não permaneceu nenhum resquício de barbárie. É impossível se apagar toda a injustiça implantada (pelos séculos...). Essa é a herança que acompanha.

Atualmente os mesmos métodos são aplicados, as mesmas torturas são praticadas, os mesmos interesses (financeiros e de status) seguem em jogo, a mesma lei excludente segue vigente... A diferença é que, conforme tem que ser, para a sustentação de uma (falsa) democracia os fatos são mascarados e distorcidos.

Na ditadura os policiais barbarizavam pois o AI-5 garantia essa prática em lei. Não houve (e nunca haverá) punições e esses carrascos continuam com seus privilégios. Muitos ainda trabalhando em departamentos "de segurança".

Hoje, a situação continua desgraçadamente alarmante. A corporação policial é o braço do Estado e esse lhe dá legitimidade para eliminar tudo e tod@s que não fazem parte de seu mecanismo de governo. A pessoa, a partir do momento que passa a ter algum tipo de autoridade/poder, se corrompe. O ódio que funcionários do Estado têm do povo é notável. Nos cárceres (que são verdadeiros campos de concentração) são praticadas todas as demonstrações desse ódio que o Estado tem contra nós.

Hoje, o antigo DOPS atende pelo nome GRADI (que continua infiltrando, perseguindo, torturando, matando...); os grupos de extermínio seguem chacinando,

degolando pessoas em várias regiões; as favelas são sempre alvo dessa tirania...

As leis existem para manter o conforto burguês. Há um trecho no livro de direito "O Crime e a Pena na Atualidade" (de 1983) que diz: "Proíbem-se e castigam-se aquelas ações que infringem algumas das condições constitutivas da ordem jurídica criada pelos dominadores em seu próprio benefício". Isso é real. Quem não tem grana para comprar sua liberdade (pagando advogados, juizes etc) vai em cadeia sem dó, pois o Estado nunca irá nos beneficiar em nada, pois sua estrutura é burguesa, e opressora. O Estado é culpado pelo descuido com as pessoas que estão sob sua tutela e é importante falar que, mesmo assim, existem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a Declaração dos Direitos dos Presidiários, que são totalmente violados. Essas violações são crimes de Estado.

Há muitos documentos que comprovam a corrupção e os crimes dessa máfia governamental/policial (como o superfaturamento nos cadeiões, as torturas em Febems, manicômios, cadeias, DPs, incitações às rebeliões que os funcionários fazem para receber benefícios etc, etc, etc) além de muitas outras atrocidades que não chegam a serem denunciadas pelo risco de morte que a pessoa encarcerada sofre, mas que sabemos bem que acontecem.

O sistema carcerário em si é uma séria violação da condição humana. A pessoa presa perderia, de acordo com a lei, o direito de ir e vir, mas sabemos que ela acaba ficando totalmente indefesa e vulnerável a todas as covardias, desferidas pelos poderosos (em superlotações, espancamentos, abusos...). Esse sistema é corrupto. Os pontos se interligam e geram lucros absurdos aos mentores dessa podridão. Quem perde sempre é o povo. Uma pessoa aprisionada não vota, então, conseqüentemente, nunca terá nenhuma atenção (por mais hipócrita que seja).

Recentemente autoridades influentes nesse bolo podre (como o governador Geraldo Alckmin) declararam exaustivamente que "bandido terá prisão ou caixão", o que deu alvará para que seus subordinados pratiquem todas atrocidades que quiserem com argumentação de "resistência" - que ausenta qualquer tipo de culpa da polícia.

O mundo hoje está mais perigoso pois sérias violações por parte do terrorismo de estado são praticadas e os direitos humanos são banalizados. O ideal do GAPE é plantar mais uma resistência anticarcerária aqui desse lado da muralha, propondo uma reeducação onde possamos, de diversas formas - política e culturalmente - intervir nesse meio (denunciando, estando em contato, criando alternativas...). Queremos que as pessoas compartilhem conosco essas arbitrariedades e, no mínimo, questionem algo tão desumano que é o cárcere. Nosso compromisso é com o povo pobre. O grupo

é anarquista. Somos contra as instituições geradas e sustentadas pelo sistema.

Entendemos que todos@s pres@s são pres@s polític@s, sendo serem vítimas da violência de Estado. Estamos viv@s para somar com @s companheir@s e nos dedicarmos, em solidariedade, junto a el@s. Somos a informação clandestina. A mídia oficial, com seu rabo preso ao poder, escuta o lado opressor e não opina. Nós ouvimos o lado oprimido e damos uma voz a quem teve sua voz aprisionada. O cárcere é uma das armas mais eficientes que o sistema tem contra nós. Nos organizamos para lutar por nossa gente.

Em um documento do projeto "Brasil Nunca Mais" há uma frase (que me identifico completamente) que diz: "Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da Palavra, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da Ação". @s militantes do GAPE vivem essa necessidade e, com dignidade, agem.

**Algo muito importante que nos chama a atenção é o incentivo a mantermos contato e solidariedade @s companheir@s encarcerad@s que o grupo demonstra. Como esse apoio é dado, recebido e quais os resultados obtidos?**

Mantiver contato com pessoas que estão encarceradas é uma solidariedade mínima. É uma atitude básica de companheirismo. É um pequeno gesto de quem faz que é tipo como uma visita para quem o recebe. Sei que não é nem um pouco fácil manter atividades anticarcerárias, mas escrever uma carta é muito simples. Dessa forma, até pessoas que não queiram se envolver mais profundamente, podem contribuir de alguma maneira, sem muita exposição. Vejo a solidariedade com quem está pres@ como uma resposta de quem tá "livre" aqui no mundo.

Temos que contribuir para que, uma pessoa que vai presa, passe o mínimo de tempo possível no cárcere e que, nesse período, não se sinta abandonad@. Esse é um ponto mais pessoal, onde lidamos com a própria pessoa aprisionada e seus problemas particulares. Esse apoio é dado pelo grupo de diversas formas: nas "Campanhas de Solidariedade" organizadas por nós, que arrecadam o básico de sobrevivência nas cadeias (como cigarro, que vale como grana, produtos higiênicos, alimentos, roupas...), além de correr por coisas específicas em cada caso; através de correspondências; em visitas; além de outras correrias que vêm sendo estruturadas... Um estímulo grande é que esse apoio é recebido com a maior recepção! O resultado, até agora, está nas paradas já agilizadas. Mas iremos fazer muito mais! E garante um sorriso daqueles, pra gente, receber cartas com frases tipo: "Acho muito legal

de sua parte esse companheirismo e solidariedade com os companheiros que se encontram do outro lado da muralha, continue sempre assim". Ou, ouvir, pessoalmente, lances como: "É muito importante essa correria do grupo".

Essa é uma parada muito intensa. Entende porque não é em vão?

**Quais são os cuidados ao enviar-se materiais para as prisões? Pergunto isso pois ocorre uma pressão enorme a@noss@s companheir@s, impedindo a leitura (e, por muitas vezes, até o envio de respostas). A mudança de nome do grupo reflete essa preocupação?**

A censura é embassadíssima. Temos que ter muita precaução ao estarmos em contato com o sistema carcerário, porque ali você é @ culpado@. Um descuido pode acarretar problemas, ainda mais estando ciente que existe um serviço de inteligência muito estruturado.

Ao enviar materiais, preste atenção no conteúdo. Procure enviar algo com temática "mais leve", sobre questões sociais, que não escancarem as idéias... Dificilmente passará algo abordando a questão numa visão subversiva.

É importante dizer que o sistema de correspondências é diferente de um tipo de cárcere a outro. Em febens, DPs e presídios a censura pega mais pesado. Nas colônias (que são vistas como um "benefício" a pres@s que já cumpriram parte de suas sentenças) é um pouco mais leve.

De qualquer forma, não há como confiar. É muito importante enviar materiais sim, pois a leitura e as informações são indispensáveis para a mente poder estar ativa e produtiva. Já consegui passar bastante material libertário (escritos anarquistas, Movimento Sem Terra, saúde, anarco-feminismo), porém, todo cuidado é pouco. Nunca é garantido que o material vá chegar e, nas visitas, também depende muito do carasco que for te revistar. Tenha estratégias.

A modificação do nome do grupo foi pela limitação que vinha com o nome forte anterior (Grupo Rebelião Anti-Cárcees), que impedia uma intervenção direta e abrangente e, muitas vezes, era mal compreendido (sendo confundido até com facção).

Rolaram dois fatos que engrossaram a idéia de mudar o nome: uma mão um militante do coletivo foi visitar um amigo na cadeia de Franca e o cara, ao ver o zine, ficou de cara, achando que era uma facção. E não só ele, como os outros caras que tava na roda. Outra mão, entreguei alguns materiais do grupo para um amigo que milita ativamente lá com os meninos da Febem e perguntei da possibilidade dele (que cola nas unidades direto) estar passando-os para os meninos. Ele falou que era sem chance daquele material passar. O interessante é que amadurecemos as idéias com esses acontecimentos.

Nosso ideal é anarquista, somos contra a existência dos cárceres mas, enquanto eles estão aí, precisamos intervir dentro deles. E, para isso, é preciso estratégias. Nossa atuação vai muito além dos movimentos anarquista/punk/H2... Essa modificação refletiu a preocupação de estarmos em contato com muito mais pessoas, de podermos colaborar com essa causa com nossa participação ativa e direta. É necessária uma seriedade bastante coerente para lutar pelos Direitos Humanos e contra as prisões. O atual nome foi totalmente apoiado pelo pessoal. "Grupo de Apoio à Pessoa Encarcerada" está a pampa. Diz bem o porquê de nossa luta.

**Lendo o zine "Teresa" encontra-se um fato presente no meio libertário, concluindo-se: "Sabemos que há (mesmo no meio libertário) um enorme preconceito e uma imensa hipocrisia com a questão (carcerária)". Na opinião do grupo, por que isso ocorre?**

As prisões foram criadas como forma de sustentação do Estado, onde se jogam tod@s aquel@s que não contribuem com seu mecanismo sub-humano. O sistema carcerário não educa ninguém, porque seu objetivo não é esse. A estrutura do poder é repressora, e nós somos vítimas dos poderes (executivo, legislativo e judiciário) por estarmos à margem dessa sociedade excludente, que nos rouba as perspectivas de uma vida digna. Os cárceres nos enterram em vida e o tempo ali perdido não se recupera jamais. Por outro lado, é fácil a manobra do poder criar a idéia de que os cárceres são mantidos por questão de segurança. Num sistema dividido em classes sociais, impregnado de valores burgueses, muitas vezes as pessoas guardam em si esses vícios medíocres. Para muitos é difícil enxergar o mundo sem um mal que, por estar presente desde sempre, se torna (absurdamente) tão aceitável.

Vamos ser sincer@s e assumir que no movimento há falta de envolvimento em diversas causas/questões importantíssimas (indígena, étnico/racial, libertação feminina etc...).

Sobre a questão carcerária, certas posições são preocupantes. Eu já ouvi da boca de gente que se diz libertari@ frases do tipo: "Mas solta os presos e faz o que?", "Não trabalho com presos políticos porque são todos machistas", "E se roubar minha mãe?". Isso sem falar de viciadinhos que não podem ser banalizados, como usar a palavra "loucura" deturpada (tipo "Cê tá louco?" e etc).

Eu não acho ruim haver questionamentos, estamos preparad@s para responder algumas perguntas mais complexas. O que me preocupa (e me indigna) é uma pessoa se assumir anarquista e ter essa visão tão estereotipada, tão limitada, tão classe média.

Hipocrisia sim, você não acha? O que fulan@ que pensa assim vai fazer manifestação anticarcerária? Se, no

momento seguinte, vê um@ companheir@ louc@/aprisnad@ com tanto preconceito? Exemplos do absurdo: o companheiro anarco-louco Romeu Ritondale, que foi suicidado recentemente, se injuriava com o tamanho descaso no próprio meio libertário para com tal questão. Ele foi vítima do estúpido preconceito mesquinho de muitos figuras (inclusive gente que se diz do Movimento de Luta Antimanicomial, anarquista, punk!) que desconsideravam ele e os problemas acerca e preferiam tirar conclusões precipitadas e erradas ao invés de dar uma força. Essas "pessoas" que desmereceram o problema foram cúmplices dessa desgraça. Outro exemplo: têm manos punks que estão presos há anos que não recebem nem sequer uma simples carta. A pessoa vai presa e simplesmente é esquecida. @s própri@s companheir@s de luta ficam abandonad@s quando se encontram no sistema carcerário. Há exceções sim, mas são muito poucas se comparadas ao tamanho do problema. Isso é muito perigoso.

Pessoas são torturadas todos os dias nos DP's; jovens na Febem sofrem incomunicações, são torturad@s, abusad@s, envenenad@s; mulheres presas não têm a mínima condição de poder se cuidar; intern@s em manicômios são submetid@s a eletrochoques, muitos remédios, espancamentos; as periferias são tomadas pelo terror policial todos os dias. Isso é real. Uma contracultura de rua vivência essas situações e faz parte desse cotidiano.

Muitas pessoas só se preocupam com algo quando sentem o veneno na pele. Há um certo conformismo. O ser humano não é descartável mas, infelizmente, na maioria das vezes, é substituído por outros fatores e interesses. Isso é sério: não podemos permitir que outras pessoas acabem vítimas dessas violências.

Minha posição contra os cárceres e meus problemas com a polícia vêm de muitos anos atrás. Bem antes de conhecer o movimento anarcopunk, já estava aí nas ruas e sentindo na pele a covardia policial pra cima da gente. Não tem confiança, ta ligad@? Policiais são parte das leis que servem ao Estado e geram o poder e protegem o burguês. Então essa máfia é inimiga. Pronto. Simples.

O GAPE tem uma intervenção, como foi dito, além do movimento anarquista. Mas é importante estar em idéias com o próprio também, ainda mais nos deparando com essas situações citadas.

Faltam discussões e abordagens sobre essa e tantas outras questões que são urgentes e necessárias. Assumindo isso, está mais do que na hora de buscarmos alternativas além das palavras. Os fatos estão gritando. Não é um trampo fácil. Tudo ao nosso redor está quebrado. O movimento, ao fechar os olhos para esses problemas, se omite e retarda os passos. A sociedade já fecha, já é conivente e medrosa.

Sobre os cárceres em si, dou um toque de da galera que de repente não saque muito ir ler materiais, conhecer a história (sobre a Clevelândia, a ditadura - "Brasil: Nunca Mais" é ótimo e essencial - etc), vai ver qual é lá dentro, chega perto, traz aqui, no mundão, a verdade...

Isso foi um certo desabafo de um lance que me incomoda há um tempão. Autocrítica faz bem. Ta certo que cada pessoa se envolve, com profundidade, naquilo que mais se interessa, mas coerência é sério. Porque é embaçado presenciär (falta de) atitudes como essas citadas, é embaçado ver a pequena quantidade de pessoas que colam em atos tão importantes como têm rolado, é embaçado, também, presenciär uma galera nesses atos se incomodando tanto com um tiozinho crente (que não ta interferindo diretamente) e não criticar o fato de gambés prenderem arbitrariamente, na frente, gente da gente (gente pobre - mendig@, camelô). Enfim... Solidariedade e apoio mútuo não podem ser apenas palavras.

Eu não gosto de fazer críticas ao movimento mas, nesse caso, não tenho como me calar. Antes de tirar o cisco do olho de alguém, tire o galho do seu... Termina essa como "porta voz" de um proceder de quem ta lá:

"Chega perto de mim, me deixa falar. Sempre de tão longe, vem me condenar".

"A justiça não me deixa falar e sem ouvir a minha voz me interna aqui, nesse lugar".

(Meninos da Febem Tatuapé no projeto "Realidade")

"Ei, ei, ei, olha nós aqui. A sociedade vê, mas ninguém quer agir".

("Crime Social", do grupo "Manos de Fé", da Febem)

**Bem por esse caminho mesmo - cutucar a ferida e sentir necessidade para abrir os olhos - existem trabalhos sendo desenvolvidos por ativistas em várias questões e muitas vezes não acontece o apoio e interesse do pessoal, que não vai além do óbvio.**

Depois que conversei com você entendi melhor essa pergunta, então vamos lá: É aquilo, né, para muitas pessoas o seu mundinho basta. Não há iniciativa enquanto não sente o lance bater na própria cara.

O óbvio, que você cita, é o fato de haver interesse só em GIGs, visual, bandas... Pois é, há muitas pessoas, em vários movimentos, que se limitam no lado "cultural" (que é mais cômodo). Na minha opinião isso é contraditório. Isso porque os movimentos populares (como o anarcopunk) têm uma forte característica política. Nossa resistência vem de nossas ações diretas libertárias. Os lados cultural e político se entrelaçam e, juntos, caminham, pois se desvincularmos um do

outro, perde-se a essência. A contracultura é política. O próprio lado "artístico" (visual, banda...) tem seu porquê de protesto. Nada é em vão. O óbvio é mais fácil, o mais prazeroso para muit@s... Para mim é intensamente prazeroso lutar. Estar em um ato, se manifestar... Ir além do óbvio.

Minha luta é minha vida, então eu nunca vou deixar de fazer uma ação direta para ir pra festinhas etc... É massa, sim, sair num role com @s man@s e tal, mas o foda é priorizar o divertimento acima do compromisso. Considero muito importantes os grupos de afinidade, possibilitando uma militância mais dedicada e forte em cada causa.

Ai, moçada, vamos sair nas ruas! A vida não é só festa, internet, rave e porralouque...

Uma pessoa alternativa está se alternando a algo... Minha luta é uma alternativa a esse cotidiano ocidental capitalista massacrante. É uma alternativa de vida. Eu odeio o sistema, não vou cair no jogo dele. Eu odeio os boys, não vou pegar os vícios burgueses.

O GAPE milita nas ruas. Somos da periferia, sempre vamos ser! Espero uma luta cada vez mais firme, mais forte. Que cada pessoa se auto-critique e **PENSE**

**Vocês militam nos movimentos anarcopunk e hip hop, de práticas subversivas e reais propostas de mudanças, por esse motivo sofremos todos os tipos de represálias, humilhações etc... Somos vigiad@s e como povo semeamos um mundo melhor, incomodando os agentes repressivos vigentes e burgueses que tem todas as corporações a seu lado. Então perguntamos: na questão política/cultural dos movimentos, o que pode ser feito?**

Ambos movimentos, assim como outras manifestações subversivas de periferia, são alvos da lei, que reprime, humilha, persegue, prende, mata... Somos vigiad@s porque representamos alguma ameaça à estrutura burguesa vigente. Somos o povo e é com o povo que podemos somar.

Acredito sinceramente que estamos caminhando com passos firmes no se referê ao movimento, buscando sempre mais organização e coerência. É importante estarmos em união nos movimentos populares/alternativos produzindo junt@s e intensificando a luta. O povo tem uma força enorme que pode trazer processos revolucionários (como na guerra civil espanhola). É produtivo interirmos (no respeito mútuo) em movimentos populares. Temos o inimigo em comum. É interessante unirmos forças. As ditas "minorias" (mulheres, indígenas, negr@s...) estando unid@s, são maioria importante e combativa. (De repente fugi um pouco da pergunta em si, mas é que quando penso na luta anticarcerária e em todas as outras lutas, penso no povo).

Nosso grupo não é só para ou de pessoas punx, rappers... É de e para todo o povo pobre. Nossa união é nossa resistência.

## **Quais atos e campanhas o grupo já fez, e o que vem mais pela frente?**

Nesse início, produzimos nosso boletim informativo (dedicado a informar o que se passa com a comunidade carcerária e outras denúncias); participamos ativamente (desde o início) dos atos contra a Febem que rola em todas as quartas-feiras, chamados pela AMAR (Associação de Mães e Amigos da Criança e Adolescente em Risco); participamos da campanha "Fora Calandra" (em repúdio à nomeação desse torturador assassino para o cargo de chefe do DIPOL); organizamos campanhas de solidariedade aos compas presos; mantemos contatos com pessoas através de visitas e cartas; estreitamos vínculos com vários outros grupos e individu@s que estão nessa luta; participamos (junto com outros grupos) da organização do "Ato Contra a Pena de Morte e Em Repúdio à Violência Contra a Mulher".

Pela seqüência, só posso adiantar que iremos manter as atividades citadas; ampliaremos os contatos; produziremos uma cartilha com D.H./Direitos d@s Presidiári@s/ECA; faremos livretos com escritos anarquistas sobre prisões e corremos atrás de um espaço para o GAPE...

Temos várias idéias de atos/eventos e outras atividades em andamento, mas não é legal adiantar para não correr o risco de frustrar as expectativas. Quem quiser acompanhar as atividades ou quiser somar junto conosco, é só entrar em contato!

**Uma pessoa encarcerada é discriminada em todos os sentidos, mas nunca se discutem soluções, por exemplo, para a miséria em que se encontram @s mesm@s ou os reais motivos que levam uma pessoa a fazer algo para solucionar ou amenizar seu problema, sendo taxad@ como criminos@. A sociedade propõe até, como solução, a pena de morte. Qual é a opinião de vocês?**

A pessoa encarcerada está violada de sua condição humana. Ela é enterrada em vida e sobrevive com o veneno que o sistema lhe sentença (torturas, abusos sexuais, chantagens, humilhações, doenças, falta de alimentação, transferência para longe de parentes/amig@s...). As leis nunca são justas, em lugar nenhum. Os brancos pisam n@s negr@s, os ricos pisam n@s pobres, os homens pisam nas mulheres, adultos pisam em crianças, autoridades pisam no povo... Não tem essa de "tod@s têm os mesmos direitos". Veja: pessoas com curso superior têm cela especial, policial tem presídio especial, burgueses tem "prisão domiciliar" (com um conforto que ninguém da periferia, com seus barracos sofridos, tem). Então por que fingir?

Muita gente não se posiciona por ter medo de perder seus privilégios. A exclusão social é fator determinante para uma pessoa tomar ações que a leva presa. Prova disso é que na Febem tod@s @s jovens são da periferia. Não têm filhos da classe média/burgueses presos em febens, cadeias, manicômios...

Quando a burguesia comete crimes, logo dizem que "estão passando por problemas mentais" etc, mas o curioso é que eles não são jogados em manicômios judiciários, não tomam eletrochoques e não passam por nenhuma desgraça que uma pessoa pobre (que nem comete as mesmas atrocidades que o rico comete) é submetida.

A sociedade vira as costas para si própria, se recusa a perceber que são seus próprios valores e sua lógica de acumulação inescrupulosa de riquezas que criam as situações e fabricam os por eles denominados "marginais", em ritmo maior que sua capacidade de compreender e entender a situação.

Uma pessoa que luta por Direitos Humanos consequentemente é contra a pena de morte (que é uma terrível violação). O Estado fica com o poder de assassinar pessoas com a única finalidade de matar.

A pena de morte é uma crueldade sem precedentes. Não existe nenhuma estatística que prove que a pena de morte seja eficiente para reduzir a criminalidade onde ela é aplicada (até porque sabemos que a problemática está no próprio governo).

Em cada ano aumenta mais a execução e é confirmado que a etnia é fator de influência: mais de 80% das executadas foram por cometerem crimes contra brancos. A pena de morte é racista.

Aqui, no Brasil, a pena de morte é prevista em lei somente para situação de guerra. A última execução pela lei foi em 1855, de Manoel de Motta Coqueiro, acusado de ser o mandante da chacina de uma família inteira na fazenda Macabu, em Macaé (RJ). Depois do enforcamento é descoberto um erro grave: ele era inocente. A partir daí foi abolida a pena de morte apesar de, indiscutivelmente, serem praticadas mortes extrajudiciais). A pena de capital continua fazendo parte da constituição de 84 países é largamente aplicada (EUA e China são dois dos principais países onde ocorrem essas execuções).

Foram citados esses dados para mostrar a verdadeira face (cruel e sanguinária) da "justiça" (injusta). A pena de morte, assim como os cárceres, tem a única função de eliminar e excluir. Somos radicalmente contra a pena de morte.

**Para finalizar, queremos parabenizar o Grupo de Apoio A Pessoa Incarcerada pela iniciativa e desejar que os resultados sejam bem instigantes, os assuntos são bem complexos e seria bom as pessoas entrarem em contato para discutí-los e articularem outros meios. Bem, beijão a vocês, e o espaço é aberto...**

A melhor maneira de dizer é fazer. Temos uma caminhada longa pela frente.

A questão carcerária é complexa e os assuntos são muito amplos, então, se rolar interesse, entrem em contato (é fortalecedor esse intercâmbio). Também pedimos uma obra com materiais (livros, zines, recortes, vídeos, contatos, jornais, revistas, fotos...) para podermos estruturar essas documentações de importância pública;

caso queira dar uma força em alguma parada, dê um toque.

Nossa luta é internacionalista e estamos em solidariedade com @s pres@s do mundo todo. Se citei fatos daqui é por saber que podemos intervir mais diretamente na realidade em que vivemos e para mostrar que não adianta fixar os olhos lá longe enquanto ta tudo quebrado do nosso lado.

Ao MAP, valeu pelo apoio! (É nós na fita!!)

Vou aproveitar esse espaço para reproduzir alguns relatos de quem sentiu o veneno na pele:

"Por quase um mês e meio nós fomos torturados pelo batalhão de choque que vinha um dia sim, um dia não. Eles nos tiravam **nós** das celas e nos colocavam de joelhos no lado de fora, e nos obrigavam a nos espancar um ao outro... Teve uma certa vez que nossa família mandou comida pra nós só que, quando chegou, a choque chegou e nos tirou para espancarnos. Quando nós voltamos para as celas nossas comidas estavam todas misturadas com fezes." (um homem preso em Manaus, AM)

"Eles (os guardas) nos humilham e nos insultam. Chamam a gente de vaca, puta, macaca, bandida, desgraçada, cara de diaba, prostituta." (Uma mulher presa)

"Já apanhei muito na Febem. Uma vez nós tava no barraco (cela) reclamando que tinha direito de ter pelo menos uma hora de sol por dia. Aí eles (monitores) atacaram e invadiram. Entraram em 10 e bateram com ferro, madeira, corrente, cabo de vassoura. Na febem, até os funcionários que não gostam de bater são influenciados pelos outros. Aí maltratam a gente com medo de perder o serviço e também para ninguém dizer que são medrosos. Com certeza isso dá revolta..." (Um menino ex-interno)

"Logo que cheguei na UAI, um funcionário me disse as regras: 'Aqui tem de ter respeito por funcionário. Não pode abrir a boca. Só para pedir licença e responder quando o funcionário pergunta. É 'sim, senhor', 'não senhor', 'licença, senhor'. Entendeu?', 'Aí eu respondi: 'Entendi'. Ele me deu um soco na boca e explicou: 'Não é assim que se fala. É 'sim, senhor.' " (Um garoto interno)

"(...) Na clínica fui mantida numa sala trancada por fora durante 5 dias (...) Me deram drogas muito fortes, agravando meu estado (...) contraí profunda infecção intestinal (...) passei os dias completamente suja e sozinha (...) as próprias enfermeiras afirmam que aqui não é lugar para um ser humano." (Uma mulher relatando sua internação em um manicômio no ES)

E agora uma frase que ouvi da boca de um delegado safado quando estive detida: "Nós sabemos que a maioria das pessoas que estão presas aqui são

inocentes. Mas a gente pega eles de laranja, joga arma e droga e forja um crime."

Pela Liberdade! ADIANTE!



Contato: Teresa  
Caixa Postal: 11031  
São Paulo-SP  
CEP: 05422-970

## Solidariedade aos companheiros presos!

A luta por liberdade é digna!

Só a teremos por completo quando não mais existirem os cárceres e todas as outras formas de exclusão social. É importante agir por essa causa de forma ampla. ~~Além das palavras é buscar ações.~~

Um início fundamental é dar apoio aos companheiros encarcerados. Hoje, têm mãos nossos atrás das grades que passam por necessidades e, de certa forma, estão esquecidos. É nossa responsabilidade acompanhar cada caso e procurar assistência.

O Fininho (que está preso no interior, a 8h daqui) pegou 3 anos e 6 meses num processo cheio de irregularidades, necessita de um advogado, além de coisas básicas como cigarro (que vale como grana), produtos higiênicos, alimentos para sua família etc.

O Pança (que está em uma colônia) necessita de advogado urgente (por correr o risco de voltar para penitenciária e perder seu benefício de estar na colônia) e doações de materiais (principalmente livros) por estar estruturando uma distribuidora como alternativa de auto-sustento.

O Flavio está num presídio de uma cidade do interior de SP. Antes era envolvido com o movimento anarcopunk, hoje mantém contato e seus (nossos) ideais vivos e tenta, na medida do possível, divulgar ideias anarquistas dentro do cárcere para seus companheiros. Aguardamos sua saída...

Recentemente o Tattu's saiu em "liberdade" condicional. Isso é bom!

Em todos os casos o contato é importante (seja por cartas, visitas...). Podemos, junt@s, criar várias alternativas de estar apoiando diretamente esses compas. Vamos levar com firmeza essa idéia e manter as campanhas de solidariedade mil grau! Lutemos por noss@s irmã@s!

"Qualquer movimento ou luta, ao não apoiar @s companheir@s pres@s, está destinado a fracassar."

(Harold H. Thompson, anarquista prisioneiro)

### Resistência

A banda é formada por indivíduos punks e anarquistas. As letras e textos retratam a incoerência, injustiça, preconceitos e padrões a serem quebrados. Tentamos, assim, estimular um auto-questionamento em nosso meio coletivo, deixando fluir nossos sentimentos espontaneamente. Não visamos lucro. Dois dos integrantes fazem parte do MAP e da cooperativa anarcopunk Artilharia Negra. A vocalista é integrante do coletivo 'GRML'. Como não temos a intenção de fazer meros "showzinhos", surgiu o coletivo popytã, com alguns integrantes da banda e alguns indivíduos de Diadema, onde já foram feitas panfletagens, colagens antifascistas, o 1º zine e temos como meta principal, montar um grupo de estudos e continuarmos com as outras atividades e feiras libertárias.

Caixa Postal 11031  
CEP: 05422-970 \$1p  
andriaresisti@ig.com.br

PELO RESPEITO  
AS DIFERENÇAS

"Devemos lutar pela igualdade sempre que a diferença nos inferioriza, mas devemos lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracteriza"

PARA INFORMAÇÕES + DELIBERAÇÕES, PROJETOS + APOIO, SEJA COM OS  
TBS, DOIÇÕES DE CIGARROS, ALIMENTOS, ASSISTÊNCIA JURÍDICA E MATERIAIS  
DIVERSOS (ETC...) ENTREM EM CONTATO COM O  
GAPE

ANARCO PUNK NAS RUAS  
CONTRA O RACISMO! JÁ!

### Libre! Zine

Esta produção ocupa todos os espaços: com informação, além de questionamentos bem significativos que vão muito mais adiante. Traz no #1 textos sobre o GRADI (Grupo de Repressão e Análise dos Delitos de Intolerância), coletivo "Mujeres Libres" (surgido no meio da revolução espanhola e que lutava pela libertação da mulher (ainda lutam, pois existem coletivos com o mesmo nome em diversos países), "Os Laços que Nos Unem" (Sobre nós mesm@s, punks), conceitos entre "certo e errado" e um texto sincero, "Voltando pra Casa", tirado da revista espanhola "Mujeres Preocupando". Zine muito bem montado e com desenhos. Sua leitura é prazerosa.

A/C Marina  
Caixa Postal 665  
CEP: 01059-970 SP-SP

### Zine Eutanásia

Esta #2 vem bem recheado (são 18

páginas) encontrando-se matérias sobre "aproximações ao movimento anti-globalização" (origem, orientação ideológica), ponto de vista do editor sobre o mesmo movimento e @s anarcopunks, revolução pessoal como passo para a revolução social (tema, este, sempre de muita importância), entrevista com a banda anarquista Los Dolares (Venezuela), além de várias letras traduzidas (muito bom saber o que as bandas expressam), endereços diversos e poesias. A capa já é bem instigante: ação direta pela vida! Quem quiser colaborar com os próximos números e fazer circular essa produção "Faça Você Mesmo". escrevam!

CX. POSTAL 28  
CARAPICUIBA -SP  
CEP 03220 970

A/C ARISTEU

[destruindoasigrejaseoestado@bol.com.br](mailto:destruindoasigrejaseoestado@bol.com.br)

### União do Movimento Punk

A UMP reúne punks, rappers, anarquistas, simpatizantes e qualquer pessoa que esteja interessada em discutir problemas que nos atingem e buscar alternativas para resistirmos e mostrarmos nosso repúdio.

Com a participação de mais ou menos 150 pessoas no total, a UMP já realizou diversas feiras libertárias, havendo distribuição gratuita de material anarquista. Manifestações como **1º de Maio, Dia da Mulher, Luta Antimanicomial, Luta Anticárcere** e vários outros atos que já foram realizados pela UMP. Isso é só uma resposta para aqueles que pensam que a união e o apoio mútuo é só coisa de livro.

**Unidos teremos força. Separados, apenas pontos de vista.**

Venha conhecer a UMP e assim consolidarmos cada vez mais o sentimento de vivermos como seres livres e em harmonia com diferenças. Afinal, somos todos iguais por dentro.

Chulé

SOMOS O QUE FAZEMOS

A Organização Anarco Punk surgiu logo após o 2º Encontro Anarco Punk de São Paulo, em setembro de 2000. Após diversas reuniões das comissões envolvidas na organização do encontro, alguns indivíduos entenderam a necessidade de se fechar um grupo independente para realização de algumas atividades essenciais para a sustentação de um ciclo de informações internas.

Depois de meses de atividades, ocorreram algumas reestruturações na organização e na formalização de seus princípios a Org.@.P. que, no início, tinha a intenção de agrupar vários indivíduos da cena anarco punk, ficou com apenas duas pessoas após essa nova estruturação, preocupadas com a difusão de informações restritas, até aquele momento, à Internet. Os outros indivíduos que faziam parte da Organização formaram o coletivo Marana-Été. Atualmente a Orgap conta com a participação de cinco pessoas (três de SP e duas de BH).

O coletivo tem como objetivo ser um núcleo de contrainformação e contracultura, reunindo grupos de todas as regiões do país em um único local na Internet. A ORGAP difunde a informação através de dois meios: a lista Orgap IAP (Internacional Anarcopunk), na qual participam todos os membros que aderiram previamente à lista no último Encontro Internacional, e o website, onde são passadas as informações consideradas de interesse de todos.

Além disso, organizam atividades relacionadas à cultura anarco punk (como por exemplo vídeos, palestras, gigs, exposições...). Já realizaram alguns eventos como coletivo, sendo que um dos últimos foi um evento na USP, com apresentação de diversas bandas, vídeo Um Povo em Armas e a palestra do compa Canino, membro da CNT-Madrid e integrante do Sin Dios.

Alguns indivíduos do grupo estão diretamente ligados ao MAP-SP e a outros grupos e coletivos também (Germinal etc). Sabendo da realidade do país, não desejam ficar restritos à Internet, estando com alguns projetos que englobam outras formas e meios mais acessíveis de propaganda e difusão de informações libertárias.

Caixa Postal 12646

CEP: 04744-970 SP/SP

info@anarcopunk.org

http://www.anarcopunk.org



CAPITALISTAS

ANTI

"Não achamos que as grandes planícies abertas, que os montes curvos ou que os riachos sinuosos e emaranhados sejam 'selvagens'. Só para o homem branco a natureza é 'selvagem', só para ele a terra estava infestada de animais e pessoas 'selvagens'. Para nós era inofensiva. A terra era generosa e estávamos cercados de bênçãos do Grande Mistério. Até que o homem peludo do leste chegasse, e com brutal furor amontoasse injustiça sobre tudo o que amávamos, não havia 'selvagem' para nós. Mas quando os próprios animais da floresta começaram a fugir à sua chegada, o 'Oeste selvagem' passou de fato a existir."

(Urso em pé, tuxaua dos Sioux Ojigala)



A Associação Resplendor é uma casa de apoio para portadores do vírus HIV. Ela foi fundada em 17 de janeiro de 1998 por iniciativa de José Cruz que viu, em 1997, o abandono do seu primo por parte da família, que o escondia em uma casa no bairro do Grajaú para que ninguém soubesse de sua condição de soro positivo! José Cruz, então, passou a cuidar dele junto com amig@s. Infelizmente essa intervenção veio tarde, pois as doenças oportunistas já se haviam manifestado e o seu primo morreu. Mas esse fato triste o instigou a criar uma moradia para pessoas soro-positivas que são carentes, pessoas que estavam na rua ou abandonadas pelas famílias ou vindo de famílias que não tinham condição de cuidar delas.

No momento, moram 29 pessoas que estão tendo um tratamento digno, com cuidados médicos e humanos, apesar das sérias dificuldades que se tem de manter o espaço. Os remédios e internações são garantidos, mas o apoio vem da comunidade do Parque Santo Antônio, que colabora com el@s.

A visita que nós, anarc@ punx, fizemos, ocorreu num domingo, dia 10 de agosto. Nos encontramos no terminal Bandeira e estávamos em 10 pessoas. Apesar do dia frio, passamos uma tarde cheia de calor humano. Levamos comes & bebes, e a animação rolou solta! Claro que no início acontece uma timidez por não conhecer o espaço, mas isso foi por pouco tempo, logo houve um entrosamento, muitas conversas com o pessoal que mora na casa e até uma cantoria de música sertaneja de raiz! O pessoal que mora na casa ficou muito contente com a nossa visita, pois é uma quebra de rotina, é uma demonstração de carinho, e isso faz muita diferença, pois várias pessoas dificilmente recebem visitas da família.

Realmente foi muito gostoso ir lá, eu nem vi as horas passarem, é bom sentir um apoio, mesmo que seja pequeno, faz diferença! E não só para quem está lá, pode crer, também para nós que vamos, é gratificante, pelo carinho que a gente recebe.

Se você não foi ainda, está perdendo tempo; visita as casas de apoio, vale a pena mesmo! Quantos domingos, às vezes, a gente passa sem fazer nada? E o que custa aparecer em uma casa de apoio? Com certeza vai fazer diferença pra quem está lá, por receber um carinho, uma atenção que, muitas vezes, é tão escasso... Em troca, acredite, vai haver muito calor humano!

Ser revolucionário é também ser solidário!

R. José Joaquim Gonçalves, 834 - Pq. Sto. Antônio  
CEP: 05850-210 - Santo Amaro - São Paulo - SP

Fone: 5818-7035 - 5511-5411

Banco Itaú  
Ag.: 0254  
Conta: 42191-8

Por Maria

**nem partido!**



**nem sindicato!**



**a emancipação dos  
trabalhadores será  
obra dos próprios  
trabalhadores!**



**FANTINHO NOSSO: BEM,  
FINALIZAMOS AQUI ESSE  
#02 AGRADECENDO NOS  
S@S AMIG@S QUE DEIXA-  
RAM SUAS PALAVRAS/LAÇOS  
AQUI EXPRESSAS, COM MUITA  
VONTADE, TÊSAO MESMO EM  
CONCRETIZAR PENSAMENTOS  
TORNANDO ESSES REAIS E,  
INSTIGANTES! DEIXE-  
MOS NOS TOMAR POR INTEI-  
RO, SEMPRE! E SEMPRE  
NÓS: COMISSÃO EDITORIAL...**